



Rodolfo Geiser e Christiane Ribeiro são, respectivamente, engenheiro agrônomo e paisagista e arquiteta paisagista, de Bragança Paulista, SP

“Devemos ter uma atenção muito especial na escolha das plantas. Elas têm que ser condizentes com a mata original do local em que estivermos projetando um jardim”

Entendemos que no momento atual quem projeta jardins deve se pautar numa visão macro da grande paisagem, onde o que realmente interessa é a preservação do meio ambiente e o atendimento dos princípios da sustentabilidade.

O homem e a própria natureza se defrontam com problemas sérios, como o aquecimento global e o efeito estufa. Acreditamos que o superaquecimento é fruto principalmente da poluição atmosférica, da ausência de áreas verdes e da impermeabilização dos terrenos.

O ambiente original não é mais o mesmo. Por exemplo, São Paulo, conhecida como “a cidade da garoa”, não existe mais! É somente uma lembrança das pessoas mais velhas. Por isso, cada espaço verde que pudermos construir em contraposição a essa situação danosa, por menor que seja, é muito importante, já que poderá evitar perdas como essa.

As alterações climáticas e a contínua devastação da cobertura vegetal nos obrigam a repensar a paisagem criada. Devemos nos basear em um design, no sentido de um paisagismo que flua entre técnica e arte, produto cada vez mais orgânico e integrado aos ecossistemas.

Mas isso precisa ser feito sem deixar de considerar o aspecto da arquitetura externa adequada aos interesses do homem. Então, nesse sentido, devemos ter uma atenção muito especial na escolha das plantas. Elas têm que ser condizentes com a vegetação nativa do local em que estivermos projetando um jardim.

Sem dúvida, deve-se dar preferência às nativas. Não que seja proibido incluir exóticas. Entretanto, na nossa opinião, estas não devem superar algo em torno de 5% sobre as nativas, que precisam dominar, no mínimo, 95%, tanto no número de espécies diferentes quanto em área ocupada.

Existe até mesmo uma corrente que não recomenda o uso de exóticas, já que plantas nativas estão mais adaptadas ao ambiente, dessa for-

ma, sendo mais úteis à fauna silvestre e também crescendo bem com menos tratos culturais, quando cultivadas em composição similar às encontradas nos ecossistemas naturais. Isto é importante para a redução dos gastos com manutenção.

Outra questão a ser considerada é a das plantas invasoras que não devem ser confundidas com daninhas. Espécies invasoras ocupam espaços naturais em detrimento das nativas. É o caso da leucena (*Leucaena leucocephala*) e do margaridão-amarelo (*Tithonia diversifolia*) que estão cada vez mais espalhados em todo o Sul do Brasil. A maria-sem-vergonha (*Impatiens* sp) é outra espécie invasora e hospedeira de doenças.

Já em relação a exóticas, no que se refere à escolha de plantas, devem ser considerados o lírio-regalo (*Lilium regale*) e a montbécia (*Montbretia* sp). São herbáceas bastante floríferas e resistentes, sendo que suas flores nas cores branca e vermelha, respectivamente, sobressaem entremeio ao capim-braquiária (*Brachiaria decumbens*) e ao capim-gordura (*Melinis minutiflora*).

O resultado é muito bonito, com floração abundante, e a custo zero! Ou seja, rumo à autossustentabilidade! Inversamente, o capim-braquiária, facilmente adquirido através de sementes, é invasor. Ele é comumente utilizado na proteção de taludes em rodovias e ferrovias, facilitando sua disseminação, o que não é positivo.

Esse tema ainda é novo no Brasil. Por isso, merece atenção com profundidade e com a realização de pesquisas científicas, visando a criação de paisagens adaptadas ao ecossistema local que propicie abrigo à fauna silvestre, seja resistente a doenças e pragas e apresente baixo custo de implantação e manutenção. Enfim, não só dentro dos princípios da sustentabilidade, como tendendo à autossustentabilidade, ou seja, crescendo sem a interferência do homem.